

Histórias de vida

Museu da Pessoa

4 de Outubro de 2021

Conteúdo

Conteúdo

0.1	Infância	3
0.2	Casamento	11
0.3	Ofício	12

dente, aqui não. Hoje telefono todas as semanas, se estamos longe moem-nos o juízo e quando estamos perto temos que telefonar quase todos os dias.

Longe é diferente, é a vantagem e queríamos ver se não fazíamos isso aos nossos filhos. Enfim, a gente vai ter que começar a pensar como vai ser novamente a vida a dois. Ainda não começamos a pensar. Temos, pelo menos, cinco anos para este acabar o curso e depois, eventualmente, sair de casa e, então aí, começamos a pensar o que é a vida a três e depois possivelmente a dois. Mas para já, o que é importante é que eles se sintam bem quando estão connosco, mas simultaneamente sintam que há necessidade de eles próprios criarem a sua estrutura, a sua célula familiar e que sejam felizes com isso. Isso acho que é o mais importante.

Os meus avós, da parte da minha mãe, foram para Moçambique na altura do pós-guerra. A parte do meu pai, ele foi para Moçambique na mesma altura, porque tinha arranjado um bom emprego. Na mira da viagem de barco de Portugal para Moçambique o meu pai e a minha mãe conheceram-se, e aquele período de quase um mês de viagem, foi aí que eles ficaram noivos.

Todas as actividades que os meus pais tinham eram sempre em conjunto com os filhos, com a única excepção de eles irem ao cinema à noite e a gente não ia, mas isso só quando éramos mais crescidos. Vivíamos num meio pequeno, tínhamos a escola durante o dia e depois os fins de dia e os de semana era para estar com os pais.

Havia um cine-teatro e eu lembro-me que ia de vez em quando ao cinema, ao sábado à tarde, e depois ia a pé para casa. A casa era perto. Mas não me lembro, nem sei como é que era porque o meu pai, na altura, tinha já máquina de filmar e já projectava os filmes em casa.

0.1 Infância

Quando era criança brincava com os outros miúdos da mesma idade. Alguns eram filhos de colegas dos meus pais e moravam lá perto.

O meu irmão tem quatro anos de diferença, o que significa que não deu muito para brincar. Eu não tinha muito jeito para crianças. Hoje em dia ainda vejo fotografias de filmes e não tinha jeito nenhum, nem sequer para o pegar ao colo, era um desastrado. Mesmo imagens da praia, eu a tentar levar o irmão mais pequeno, que mal sabe andar para dentro de água, não tinha jeito para o segurar nem nada. Era um autêntico desastrado e tínhamos feitos muito diferentes.

Não deu propriamente para eu brincar com o meu irmão. Quatro anos é uma diferença muito grande e não tenho imagens, nem sequer recordações de estar a brincar com o meu irmão. É outro mundo que não entra na minha colecção de imagens de infância.

As ideias que eu tenho desse tempo de brincar era essencialmente ao ar livre, no quintal que tinha várias árvores, amoreiras que não são como aquelas que vim encontrar cá em Portugal. Eram amoreiras sem picos, com umas amoras extremamente deliciosas e com uma fartura, que até as galinhas se fartavam e estragavam-se pelo meio do chão. Tinha várias papeiras, por exemplo, no quintal tinha talvez um ou dois coqueiros e mais algumas árvores que eu não me lembro.

Algumas lembro-me que tinham uma flor branca que era muito bonita. O que me lembro mais das árvores era que eu gostava de andar em cima delas e trepar por elas e de estar cá em baixo a brincar. E as casas dos miúdos, do meu tempo, que eu me lembre eram a mesma coisa.

A primeira casa era em Nampula, foi a casa onde eu vivi até cerca dos 10 anos. Não tenho noção da dimensão dos espaços, porque uma coisa é aquilo que a pessoa se lembra enquanto é pequena, em que tudo que é espaço é grande. Eu saí de lá com 10 anos, dá ainda para poder lembrar como eram as divisões das casas.

Aquela parte de Nampula onde eu vivia era a parte habitada essencialmente por europeus e o tipo de construção perfeitamente equivalente à de Portugal. Ainda não havia construções em termos de prédios. Eu lembro-me que o primeiro prédio que apareceu lá de quatro andares, em que é obrigatório o elevador, apareceu já quando eu devia ter 6/8 anos. Era o prédio da cidade, e tudo o resto era tipo vivendas.

Foi uma casa que os meus pais conseguiram construir mediante um empréstimo para ter habitação própria, mas era aquilo a que se chama hoje em dia, uma moradia germinada. Eram duas casas coladas, cada uma delas com três frentes e um jardim. Era numa esquina de uma rua e tinha mesmo duas frentes. Uma delas era a entrada principal, tinha um jardim, e a parte lateral tinha a entrada para o carro. Depois mudei, onde vivi até ter 13 anos e só depois é que fui para Lourenço Marques. Mas onde eu tenho mais recordações é em Nampula, que era onde eu passava as minhas férias na piscina.

Na segunda casa, eu morava a cem metro da piscina, de modo que eram dias, manhãs e tardes, na piscina de Nampula. Mas nunca dentro daquele espírito de estar estendido ao sol, para apanhar sol. Para mim praia ou piscina é sinónimo de água, e de água é entra, sai, brinca, nada, apanha com os outros miúdos, o corre. Foi na altura em que comecei mesmo a praticar natação. Comecei a entrar em algumas competições locais. Mas o estar na água, isola-nos ou protege-nos dos infra-vermelhos, e não se fica queimado, mas não protege dos ultra-violetas. Os problemas que tenho na pele hoje em dia são devido a essa infância.

Havia muito poucos africanos a frequentarem a piscina. Era a piscina da companhia ferroviária e aquilo era só para associados e era tudo europeus. As pessoas que tinham habitações e passavam férias na praia eram só europeus. Os locais tinham construções de características diferentes, que

de família. Eu tenho uma ou duas casas, onde andei em Lourenço Marques, e depois tenho um referencial da casa dos meus pais, porque vivi muitos anos em cada uma das casas. E ela como sentiu isso, os pais ou estavam num lado ou estavam noutro, ela sente essa lacuna. Tivemos os dois essa preocupação de garantir que os nossos filhos tivessem um referencial, por isso é que nós tivemos um investimento. Custou-nos imenso, saíu-nos do pêlo o restauro dessa casa e quisemos fazê-lo o mais cedo possível. E efectivamente conseguimos que a casa ficasse pronta quando a filha mais nova tinha alguns meses. Por isso a filha mais nova nem sabe o que é a casa antiga. Sabe por acaso que é onde estão neste momento os avós, que ficaram com ela, mas não conheceu nunca a nossa casa antiga. Ela tem um referencial, a casa dela de toda a infância e juventude é sempre esta. Já estamos naquela casa há 15 anos. Há já esta estabilidade e nós gostávamos de manter essa estabilidade. Ter condições mesmo em termos de ter uma vida mais calma para a reforma, há ali condições.

As mudanças não vão haver. Não antevejo grandes mudanças, uma vez que aquilo que era mais crítico, as fases mais críticas da nossa vida, já passaram, agora pudemos começar a relaxar. Podíamos também pensar "Agora que os filhos estão mas velhos, já têm a sua independência, é altura para pudermos andar a passear mais por fora". Mas para nós o passear, o prazer é em conjunto.

Portanto, mesmo agora, a história de conferências no estrangeiro tenho que fugir, perdi a vontade. Quando era mais novo gostava de ir às conferências. A minha mulher ia comigo, muitas vezes ia também às conferências dela. Era o único acompanhamento masculino. O programa das visitas era todo orientado para as mulheres, e eu era o único homem no meio das mulheres todas. Das últimas vezes existia outro homem, um argentino, éramos os dois, os dois Albertos, que tivemos a visitar várias coisas no Cairo e no Egipto. Enquanto as mulheres trabalhavam, nós andávamos a divertir-nos.

A vida agora, efectivamente, vai ser mais estável. A questão que se põe agora é "Como vai ser o futuro dos filhos? Como vai ser ou não?". Uma vez que a nossa vida até agora foi centrada à volta deles. Agora aos poucos e poucos vamos ter que nos mentalizar que eles vão sair e a gente de modo nenhum os quer prender. Aí temos muito respeito porque sentimos na pele o que é a atitude de um pai quando quer prender um filho. Por isso é que me soube bem estar em Inglaterra, longe dos pais, com a nossa vida indepen-

'papers' a estudar. Depois passo aqui o dia, muitas vezes almoço mesmo cá. Foi um hábito que trouxe da Inglaterra, o ter um almoço leve, almoço tipo sanduíche de modo a ir mais cedo para casa e ter um jantar mais cedo. Sistemáticamente entre as 6h30 e as 7 horas estou em casa e a nossa hora de jantar é às 7 horas, o que não é o típico português, mas tem a vantagem que comendo menos ao almoço consigo trabalhar da parte da tarde. Se tenho um almoço de faca e garfo, isso sento-me a seguir ao almoço, dá-me um bocadinho de calor e adormeço. E tenho o costume e a vantagem de ir mais cedo para casa, para estar mais tempo com a família. Isso significa que eu era suposto trabalhar sete horas por dia, enquanto funcionário público, mas nunca. Chegando aqui às 9 horas e saindo às 18 horas, isso corresponde a nove horas, não faço as duas horas de intervalo para o almoço.

A vida enquanto docente universitário é dura, mas se calhar o principal culpado somos nós e não quem fez a legislação porque temos a preocupação de produzir qualquer coisa em termos de trabalho de investigação e produzir resultados por causa da nossa carreira.

A carreira é extremamente dura, é daquelas carreiras que ou a pessoa faz e está sistematicamente a apresentar provas do que faz para poder subir, não é como o Ensino Secundário, que é muito mais simples. Ou então, se a pessoa não se mexe e não faz, não avança na carreira. O "querer avançar" significa, muitas vezes, trabalhar para além do que é normal.

No meu caso, em concreto, não trabalho em casa à noite, não consigo, adormeço. Se pegar num livro qualquer de trabalho adormeço. Criei esse hábito desde muito cedo de não ter em casa condições de trabalho, se não a casa é um excesso de trabalho. Nos primeiros meses que a gente andou na universidade, levávamos trabalho para casa e tínhamos trabalho em casa e estávamos a ver que isso afectava a relação enquanto família, de modo que, desde essa altura desistimos. Não há uma sala em casa, não há estantes com livros de estudo em casa. Não tenho nada em casa, está tudo aqui. O que vai para casa vai na pasta, os exames para corrigir, se preciso preparar alguma aula, o livro vai na pasta, mas não tenho nenhum livro de trabalho em casa.

A vida tendeu para uma maior estabilidade a partir do momento em que arranjamos esta casa antiga, restauramos e tivemos as crianças, aí aumentou a estabilidade. Talvez fruto do facto da minha mulher, como filha de militar que é, passar a infância dela a mudar de terra em terra e isso marcou-a. Ela não tem nenhum referencial da infância, do que é a casa

nós chamávamos "palhotas". A viverem em construções de betão, de cimento e de blocos não havia muitos. Já havia indianos, mestiços havia vários, mas a população local, pelo menos naquela altura, nos anos 60, havia muito pouco.

Depois em Lourenço Marques já vim encontrar um mundo bem diferente, aí já havia muita população. Nos meios mais pequenos, nas pequenas cidades mais do norte e do interior, não era normal a população africana estar nesse género de bairros.

Eu andei num colégio de irmãos desde os meus 5 anos até à pré-primária, porque até essa idade quem tomava conta de mim, enquanto os meus pais trabalhavam, eram os meus avós. Mas aos 5 anos puseram-me num colégio de freiras, tipo ocupação dos meus tempos-livres, onde eu passava as manhãs e as tardes. Em vez de andar no pátio na brincadeira, via o que os mais velhos estavam a aprender nas aulas. De modo que fiz o equivalente à primeira classe. Fiz mesmo o exame da primeira classe.

Quando entrei para a escola primária, no ano seguinte, sabia a matéria toda e era um elemento perturbador para o resto da miudagem. O director teve uma conversa com o meu pai e convenceu-o que era preferível eu estar a frequentar as aulas da segunda classe. Eu senti aquilo como se fosse uma espécie de continuação do ano anterior.

Mal me lembro do colégio de freiras, tenho uma vaga ideia da disposição dos edifícios. Lembro-me de algo que eu gostava muito lá, eram certos dias da semana quando elas distribuíam as aparas das hóstias. As hóstias eram lá feitas e tudo quanto era aparas, e eu gostava imenso daquilo e estava lá pronto, para na altura da distribuição, poder ficar com algumas daquelas aparas. É a única coisa que eu me lembro desse colégio de freiras.

Depois da escola primária em si tenho poucas recordações. Lembro-me, eventualmente, de alguns dos jogos que brincava no recreio, que hoje ainda tento ver se existem ou não. Há agora alguns dos jogos, que eu vejo na escola primária, que são parecidos. Lembro-me do tipo de carteira das salas de aula, mas não me lembro do resto. Posso lembrar-me de uma ou outra atitude ou comportamento ao nível da quarta classe, mas os primeiros anos não tenho assim grandes memórias.

Brincava com os miúdos da minha idade. Aos 5 anos de idade um ano de diferença é muito. Para uma pessoa que está na segunda classe, os da primeira classe são crianças que não se liga, e os da terceira classe são de outra geração, muitas vezes os ídolos a quem a gente tenta aproximar-se

para ter um contacto e uma conversa, mas é outra geração que também não nos liga.

Nessa idade há uma segmentação ou um distanciamento muito grande entre os miúdos, e um ano de diferença é suficiente para poder separar miúdos. Um miúdo da segunda classe não se mistura com os da primeira, são "putos", não é. Os da terceira e da quarta são os mais crescidos e não ligam aos da primeira.

A meio do terceiro ano do liceu, tinha 12 anos, fui para Lourenço Marques. Foram detectados problemas de coração no meu pai e ele veio para Lourenço Marques para ser operado às dores no estômago de que se queixava. Na altura da operação detectaram que ele estava em plena trombose coronária, problemas de coração, e não havia condições em Nampula, não havia nenhum cardiologista, para o acompanhar em termos de doença do coração. De modo que, ele pediu a transferência, como era funcionário dos correios, para Lourenço Marques e tivemos que ir todos para Lourenço Marques para ele poder ter acompanhamento médico.

Completei o liceu em Lourenço Marques e o sétimo ano completei em Oeiras, Portugal. Foi num desses períodos em que o minha mãe veio cá em licença graciosa. Nessa altura, veio só a minha mãe porque o meu pai tinha já morrido, e eu completei o sétimo ano cá.

Depois entrei na universidade, em Lourenço Marques, em que uma boa parte dos meus professores dessa universidade, estão na Universidade do Minho. Portanto, eu fui aluno, por exemplo do professor Chaínho. Fui aluno daqui da Física, do professor João Ferreira; da professora Isabel Ferreira. Informática fui aluno do professor Vasco Freitas, do José Manuel Valença. Da Electrónica de Guimarães fui aluno do professor Carlos Couto. Cheguei a ser aluno do professor Barreiros Martins da Engenharia Civil. Não cheguei a ser aluno do João de Deus Pinheiro, mas cheguei a apanhar boleia dele para casa. Não cheguei a ser aluno do professor Machado dos Santos, que na altura estava em Inglaterra, senão também seria aluno dele.

Eu vim a Portugal algumas vezes porque os funcionários públicos, que estavam em Moçambique e nas ex-colónias, tinham direito às chamadas "licenças graciosas", ou seja podiam vir a Portugal Continental durante vários meses de férias e depois metia-se mais as juntas médicas, normalmente, entre seis meses e um ano. As pessoas conseguiam ter uma licença graciosa quase de seis em seis anos.

Eu lembro-me de ter vindo em 62 e em 70 nessas licenças graciosas e praticamente ficar um ano em Portugal

cupado com a história do passear a pé porque em Lourenço Marques a pessoa podia andar na rua, era diferente. Senti esse choque de chegar lá e ver que à noite era perigoso andar nas ruas, e eu não estava habituado a isso. Eu acabava de jantar ia dar uma volta a pé, era agradável, lá não podia fazer isso, mas depois descobri que havia imensos parques desses grandes. Em qualquer terra há Hith Parque, que é um parque bem grande. Atravessar Hith Parque, de uma ponta a outra é mais de meia hora a pé, aquilo é muito grande. Em qualquer cidade tem parques com essa dimensão.

Em Manchester, que eu me lembre, tinha pelo menos cinco ou seis parques desses grandes. Perto da nossa casa, dez minutos a pé, tínhamos um desses parques enormes que não existem aqui. Mesmo pelo resto da Europa, por exemplo, a gente faz férias em Espanha, tem as marginais. É agradável passear ao longo da marginal, são cuidadas, em termos de piso tem boas condições, palmeiras, tem actividades nocturnas.

É bom passear a pé a seguir ao jantar ou durante o dia ou quer que seja, mas aqui em Portugal é difícil. Portanto, podemos ir a Esposende tem aquela recta, também é agradável, mas não há muitos sítios como esse. Esposende podemos dizer que é uma excepção. A pessoa vai a qualquer outro sítio são pequeninhos, são compactos.

Aqui em Braga não se pode fazer vida ao ar livre. Nesse aspecto não me identifico muito com esta cidade que nós temos cá. Por exemplo, está-me a agradar muito mais o que se está a passar em Aveiro, com as histórias das "bugs", também Aveiro é plano, mas quer dizer há um incentivo muito maior a viver ao ar livre, zonas reservadas a peões. Braga, nesse aspecto, ainda é um atraso de vida. Braga é uma cidade orientada para os automóveis.

Eu já não sei o que é um dia típico, há tantos anos com esta história do Centro de Informática.

O meu dia típico é bem diferente do dia típico da maioria dos docentes. Nos últimos quinze anos, que estou aqui no Centro de Informática, arranji o meu gabinete normal de trabalho. O que significa que venho todos os dias para aqui de manhã, normalmente, às 8h30/ 9 horas, depende da hora em que entram os miúdos. Uma vez que a gente mora fora da cidade, a gente traz os miúdos sempre de carro até cá, e normalmente eles têm aulas às 8h30/9 horas. De modo que sempre antes das 9 estou cá.

De um modo geral, começo pela parte da manhã a despachar o correio electrónico e depois depende se tenho aulas a preparar, se tenho documentos para produzir, se tenho

bem.

Braga foi a última opção porque eu não conhecia em termos profissionais a Universidade do Minho, depois uma vez conhecida, adoptei-me, gostei. Quer dizer, vivi com muita gente e neste momento sinto que sou um minhoto, embora, neste momento eu não goste de Braga que cresceu demasiado nos últimos anos.

O facto de não morar no centro da cidade é que é diferente. No centro tinha dificuldade em arranjar vivenda ou ao menos casa com algum quintal, essa relação é importante. Viver em prédio, em que uma pessoa entra no elevador e que sai da casa para o elevador, não era comigo. Eu nunca vivi nessas condições e nunca ia conseguir viver, de modo, que tinha que arranjar uma casa que tivesse algum espaço extra. E esse espaço extra, só consegui arranjar, afastando-me da cidade, cinco minutos aqui da universidade, mas muita gente diz que nós moramos longe. A partir da altura que a pessoa tem o carro, a pessoa desloca-se com facilidade para o centro da cidade. Mas, quer dizer, nunca houve aquele estilo de vida de café, nem mesmo em Lourenço Marques, nenhum de nós tinha esse estilo de vida de café, de modo que não nos fez mal nenhum ficar longe dos cafés. A vida nocturna? Nunca nos interessamos pela vida nocturna, de modo que andar em discotecas isso nunca nos interessou.

A nossa relação com a cidade é de ir ao centro quando temos que fazer as compras, passear e infelizmente esta cidade não tem condições para que uma pessoa possa passear com agrado na cidade. Por exemplo, eu vejo uma pessoa quer dar um passeio pela cidade, passear o quê? Pela Avenida Central, 200 metros, 300 metros mais nada. Por exemplo, em Manchester a gente vivia nos arredores da cidade, cerca de oito/dez quilómetros - era arredores em relação ao centro, onde a gente vivia até ao centro da cidade era só bairros habitacionais, era arredores mas era tudo a grande cidade de Manchester - em cada um desses arredores havia parques. O Parque da Cidade era um dos parques. Cada um dos parques era o mesmo parque grande, em que a pessoa atravessar a pé, de uma ponta do parque até à outra era pelo menos meia hora. Parques com lagos, com grandes extensões de verde, com zonas, com recantos, com árvores, quer dizer é uma zona que é agradável passear. Aqui em Braga não há sítios onde a gente possa passear com agrado. Há o Bom Jesus, mas quer dizer, o Bom Jesus tem muitos sobes e desces e é relativamente pequeno e compacto. Em Portugal não há esse hábito, essa tradição.

Na altura, quando vim para Braga não estava tão preo-

Continental. Depois disso só regresssei mesmo em vésperas da independência. Vim mesmo embora de Moçambique um mês antes da independência. Aquilo não tinha condições de continuar a fazer uma vida minimamente normal. Aliás eu entendo que ainda hoje em dia, não existem condições de fazer uma vida normal dentro do conceito, mais ou menos genérico, do que é normal. O tipo de vida que a pessoa faz em qualquer ponto da Europa não é possível fazer em Moçambique e, neste momento nem sequer na África do Sul.

Nós íamos muitas vezes a África do Sul. Tal como as pessoas aqui vão muitas vezes a Espanha, nós íamos a África do Sul fazer as compras porque o mercado da África do Sul era bem mais rico. Aquela imagem que a gente hoje tem do que é a Austrália, era a imagem da África do Sul e da Austrália, nos anos 60 e 70. Era um tipo de vida de influência inglesa bastante grande com um estilo de vida dos ingleses nas colónias, os seus habitats, os seus "modus vivendi" com amplos espaços e um tipo de comércio diferente. Era outro mundo. Eu lembro-me que ia a Joanesburgo, a Pretória, que eram as que estavam mais próximas, e que neste momento não é possível fazer o tipo de vida que se fazia naquela altura.

Aquilo que eu sempre vi, a maioria dos africanos, dos pretos que viviam no meu círculo de relações, a maioria deles era equivalente às classes cá tipo classe operária ou mesmo empregados domésticos, portanto esse nível de relação. Não havia uma associação automática mental, quer dizer pelo facto de ser preto tem este tipo de características, não. Eu tinha colegas africanos com bastante nível, com quem eu dáva-me de igual para igual, mas pronto, tinha dois empregados africanos e todos os meus vizinhos tinham criados que eram africanos. Todo o género de trabalho considerado de menor nível era feito pelos africanos.

Qualquer coisa muito parecida ao que sentiam, há uns anos atrás, os emigrantes portugueses em Paris. E provavelmente há uma semelhança muito grande nas populações dos países da Europa Central e do Norte em relação aos emigrantes.

O caso dos portugueses antigamente e neste momento, os argelinos em França, os turcos na Alemanha ou os indianos na Inglaterra, o tipo de relações é exactamente o mesmo. Ocupam aqueles lugares, desempenham aquelas funções que os habitantes locais já não gostam de desempenhar e era isso que acontecia em África. Não quer dizer que eles fossem inferiores, mas não tinham condições e aceitavam fazer esse género de trabalho, e aos poucos e poucos ia-se sentindo em

desvantagem. Havia uns tantos ou quantos que ultrapassavam essa barreira.

Eu sentia que era uma sociedade multi-racial, mas que tinha partido de uma base em que a comunidade europeia estava em vantagem. Eu lembro-me de ter ficado um bocado baralhado, quando vim a descobrir que mesmo em Nampula havia uns brancos que viviam em palhotas e isso fugia dentro do meu condicionalismo, em termos de vivências do dia-a-dia. Não era normal mas isso já acontecia. Já havia brancos que viviam em palhotas, muitas vezes numa sequência de casamentos mistos, ou ajuntamentos mistos. Mas não me pareceu que eles se sentissem infelizes, era isso que me baralhava, porque eu associava esse género de vida a uma vida com menor qualidade, em que a pessoa tem tendência a assumir, se a pessoa vive numa casa melhor, tem melhor qualidade de vida, do que quem vive numa casa pior. Naquela idade ainda não dava para poder distinguir ou ter um conceito mais claro, de que qualidade de vida não está associado só ao bem estar externo.

Em Moçambique existia melhor qualidade de vida do que existia em Portugal. Não só os salários eram superiores como havia uma mentalidade muito mais aberta, por influência da África do Sul. Tive um choque muito grande quando vim para cá. As pessoas eram mesquinhas, lutavam e debatiam-se por pequenas coisas insignificantes.

Em Moçambique a vida era mais aberta. As pessoas não tinham preocupações mesmo ao nível económico. Não só os salários eram melhores como as casas eram mais baratas, havia mais possibilidades de comprar casa, havia boas estradas. As pessoas andavam mais de carro. Mesmo ao nível da alimentação, a carne lá estava a metade do preço da carne que havia cá. Havia outras condições de vida, de modo que as pessoas que lá estavam, se tinham lá condições de trabalhar, preferiam ficar lá. O que as prendia à metrópole era um laço familiar, mais nada, pelo menos em Moçambique era assim. Em Angola era um bocadinho diferente.

O 25 de Abril veio-nos baralhar por completo a nossa perspectiva de vida. Quer dizer, eu estava a sentir-me bem naquela terra e tinha todos os planos para fazer a minha vida em Moçambique. Portugal para mim, a metrópole era, segundo a linguagem de hoje, "uma seca". A maneira de pensar muito diferente. Enquanto que hoje em dia uma pessoa sente "bem isto faz parte da Europa". Naquela altura, isto era um atraso de vida e custou-me imenso vir no 25 de Abril. Custou-me imenso compreender na altura, apesar de todas as campanhas políticas, as lavagens ao cérebro que eles fi-

40, com um soalho podre e a cair. Como não me interessava, deitei abaixo tudo o que estava por dentro, aproveitei só as portas, que eram de castanho. Foi uma casa completamente restaurada e tenho cerca de dois mil metros de terreno à volta, com socalco.

Tenho espaço, tenho relva, normalmente, sou eu que trato da relva, tenho árvores de fruta, socalcos com pinheiros, com carvalhos, com castanheiros, portanto vivo no meio do campo. É este vale do rio Este, aliás se for ver a morada S.Mamede d'Este.

Estou a cinco minutos da universidade, isto é, estava que agora com a confusão do trânsito estou a cinco minutos mas tenho que fazer atalhos por cima ou por baixo. Todo este lado da cidade, enquanto não houver construções para cá, e espero que não haja, como estou na encosta do monte e o monte é pedregoso, pode ser que não haja construções para lá, acho que há alguma qualidade de vida, o que não acontece aqui com o Vale de Lamações, que esse foi destruído.

Há algumas relações de amizade fortes com colegas, mas essas vêm do tempo anterior a serem colegas, portanto, alguns eu já os conhecia enquanto miúdos mais novos, no caso específico do próprio Zé João. Eu conheço o Zé João da altura em que ele acampava comigo, no tempo em que andávamos no liceu e acampávamos no Gerês, ele e o grupo dele. São conhecimentos dessa altura. Outros colegas conheço do tempo de Manchester, em que a gente andava na paródia. Portanto, as relações mais fortes com os colegas são aquelas relações em que existia qualquer coisa mais para além das relações de trabalho. E quando a gente conversa fora não conversa do trabalho. Às vezes a gente tinha conversas na nossa casa em Manchester, com pessoas que estão agora aqui no departamento, uma conversa até às 3, 4 horas da manhã, nada a ver com trabalho.

Cá em Portugal é mais difícil porque, entretanto quando viemos para cá, quer nós quer eles casando e com crianças torna-se muito mais difícil ter relação. Vamos mantendo com alguns, mas são casos mais esporádicos. Não há ligações fortes com ninguém em particular, há com vários. Às vezes uma pessoa vai a casa de um, a casa de outro com os miúdos. Mas os miúdos também depende ou se dão ao nível da escola e há um bom relacionamento ou se é só esporádico. Nós temos essa preocupação, de que as relações que nós temos de amizade, é relação de amizade da família toda. Portanto, se não houver nenhuma ligação, se for muito chato para os miúdos, hoje em dia encarar determinada pessoa, a gente não vai. O que interessa é que nos sintamos todos

viravolta do nosso campismo, passamos para um campismo de estrelas, já não é de tenda, é de caravana. Nenhum dos nossos miúdos aceitararia que a gente fizesse férias alugando um apartamento, ou quer que seja, não vão nessa.

Enquanto eles eram pequenos nós ficávamos sempre aqui por perto, ficávamos ali na Foz do Minho, aqui no Cabedelo, em Caminha, isto porque o miúdo teve problemas de otites, desde muito pequeninho, e nós tínhamos constantemente de não nos arriscar a afastar muito de casa.

Com a miúda, foi mais estável, de modo que quando ela tinha 4 anos arriscamos a sair, e foi o primeiro ano que, efectivamente, saímos de Portugal com os miúdos e fomos à procura de águas quentes.

Como moçambicano que sou, não consigo tomar banho nestas águas, só de molhar os pé tenho a sensação que o parto mal entro dentro de água. Na Foz do Minho quando a maré vaza, pode-se tomar banho porque a água está um bocadinho mais morna, fora disso é impossível. De modo que, fomos para a costa de Espanha experimentar um conjunto de praias a sul de Barcelona e a partir daí, encontramos um parque de campismo, que é mais um jardim tropical e um tipo de parque misto, parque de diversões e um jardim, que os miúdos gostaram e desde 90 que vamos para lá todos os anos. Quer nós, quer depois os sobrinhos mais tarde, férias para eles é Baracas, o nome daquela terra. Pudemos ir para vários sítios, mas temos que acabar sempre a última quinzena de Agosto nessa praia. De resto, a gente leva-os a explorar onde pudemos ir.

Houve um ano que passamos em Paris, a primeira quinzena de Agosto, outro na Suíça, outro na Inglaterra, outro na Áustria, outro nos Estados Unidos. Portanto há sempre, e é o que a miúda, ainda agora com 15 anos, o que ela mais gosta nas férias é esse período de vivência conjunta com a família, porque é o único período que estamos juntos e atentos uns aos outros, porque no resto do ano são eles com os problemas escolares, somos nós com os problemas aqui da universidade, mais os problemas dos exames e mais não sei quê. No período de férias a gente sai de Braga e desliga tudo, nunca levamos trabalho para fora. De modo que é 24 horas por dia os quatro em conjunto e isso é importante. Eles desde pequeninhos habituaram-se a ter essa vivência grande connosco e isso eles não dispensam.

Vivo numa casa do princípio do século XVIII, que restaurei há uns anos atrás. Mantive toda a estrutura de fora, deitei abaixo tudo o que estava dentro, que tinha sido restaurada nos anos 40, ainda tinha um estilo de divisão dos anos

zeram, e toda a publicidade, os maus tratos da PIDE. A gente vivia pacatamente ali, não sentíamos que existia guerra e esses problemas.

A gente sabia que existia, estavam lá os militares todos, aliás, Nampula era o quartel general, mas em Nampula nunca senti nada, nem em Lourenço Marques, nem actos de terrorismo nem nada. Era muito mais seguro viver lá durante o tempo de guerra ou em qualquer cidade. Junto ao norte e em Cabral, aí pronto era onde estava a guerra, mas no resto, nos meios urbanos era muito mais seguro viver naquela altura do que é agora.

Eu vim para Portugal um mês antes da independência de Moçambique, que por sua vez ocorreu depois do 25 de Abril de 1974.

Em Setembro de 74 houve algumas tentativas de dar a volta em Moçambique. Aí começaram os primeiros problemas quando houve os primeiros massacres e as primeiras questões em Moçambique. Em Lourenço Marques começou a haver revoltas, a virar os autocarros. Aí a gente apanhou um susto, porque a universidade ficava nos arredores de Lourenço Marques. Portanto, o autocarro tinha que passar pelo meio dos bairros, onde viviam os africanos e nós apanhamos o último autocarro que veio da universidade para a cidade, porque o seguinte foi parado e incendiado com as pessoas lá dentro. Isso foi tudo a seguir ao 25 de Abril, portanto já foi em Outubro ou Novembro, porque antes nunca tinha havido o mais pequeno problema. A gente ia aos bares, às feiras africanas, deslocávamo-nos para qualquer lado sem qualquer problema de segurança. Os problemas só começaram depois do 25 de Abril, na sequência do 25 de Abril.

Da primeira vez que vim a Portugal foi em 62/63 não me lembro, tinha para aí 8 anos, ainda é um bocadinho cedo. Nessa altura, os meus pais alugaram um quarto qualquer em Lisboa, onde passamos lá parte do tempo. Mas no período dos estudos eu fiquei num colégio em Porto Mós, em casa de pessoas amigas, enquanto que o meu irmão ficou com outras pessoas amigas. Ele ainda não andava na escola nessa altura e estava mais perto dos meus pais. Mas não me lembro grande coisa dessa época.

Nessa altura, a pessoa ir de um país para o outro, o que está em causa não é se o país é diferente ou não, mas é muito mais importante as pessoas com quem se está, o dia-a-dia, como são ou não, e aí senti diferença. A mentalidade de Moçambique era muito diferente da mentalidade de cá.

Regressei uma segunda vez em Maio para acabar o curso, foi no fim do ano lectivo, vinha acabar o quarto ano a Coim-

bra. Escolhi Coimbra por ser a universidade que tinha o curso mais parecido com o que eu estava a tirar lá que era Engenharia Electrotécnica e dessa maneira consegui acabar o curso. Com as transferências e as equivalências consegui acabar o curso no ano que me faltava. Efectivamente acabei o curso no quinto ano. Era um daqueles cursos clássicos de Engenharia que havia no Porto, em Coimbra e na Técnica em Lisboa. Só que Lisboa não me interessava, era uma cidade demasiado grande, preferia uma cidade mais próxima, como aquela cidade que eu estava habituado a viver em Moçambique.

Na altura, tinha estudado os currículos dos diversos cursos, e o curso da Universidade de Coimbra era o mais parecido com o de Lourenço Marques. Portanto, isso permitia que ao fazer as equivalências teria de fazer menos disciplinas. Só que fui apanhar Coimbra num ano de transição. Os cursos de Engenharia, em Coimbra estavam a tentar impor-se, não tinham aceitação por parte do Ministério. Havia uma guerra muito grande. A universidade queria os cursos de Engenharia em Coimbra, porque em Coimbra havia apenas os anos preparatórios, os três primeiros anos, depois as pessoas tinham que ir para Lisboa ou para o Porto, e Coimbra fez muita força para ficar com esses cursos, mesmo com outras vontades do Ministério, portanto houve essas guerras todas.

Um ano de transições, sem instalações. Eu lembro-me no primeiro ano, tal quarto ano, que eu estive em Coimbra, as aulas eram no departamento de Antropologia, portanto estávamos a partilhar essas salas de aula. No ano seguinte fomos ocupar as instalações que a Física tinha deixado porque tinha mudado para umas instalações novas.

As instalações velhas não tinham condições e para quem vem de um país de clima quente, chegar aqui apanhar o Inverno de Coimbra, que é frio e seco, aulas sem aquecimento. Ia para as aulas de casaco, cachecol e luvas, rapava um frio danado porque não estava habituado ao frio.

Do ambiente universitário não gostei nada. Foi aquele ambiente pós-revolução, em que tudo quanto era oportunismo vinha ao de cima. As decisões eram tomadas em plenários manipulados por aqueles indivíduos. Custou-me um bocadinho ver isso. Mesmo o que estavam a fazer às pessoas que nós tínhamos em alta consideração, mas que eram mal vistas pelas Brigadas Vermelhas. Custou muito porque havia um bom ambiente de trabalho em Lourenço Marques entre colegas, e entre colegas e docentes que não fui encontrar em Coimbra.

Esse ano em Coimbra custou-me bastante especialmente

estava a fazer a oral. De modo que, ela depois foi ter a Inglaterra, em meados de Fevereiro, para desmontar a casa e viemos de carro com a tralha toda. Um carrinho equivalente ao Uno que era o meu Fiat 127. Em termos de bagagem, aquilo cabe muito coisa, é aquilo que eu dizia ao pessoal "Isto leva muita bagagem, até à altura finita de colocar as coisas em cima do tejadilho".

E pronto, a gente sempre fez esse tipo de vida. Lembro-me de uma viagem que a gente fez do Porto um bocadinho complicada. Vinham dois colchões e uma alcatifa enrolada em cima do tejadilho, aquilo parecia um tanque de guerra com um canhão. Naquela altura a pessoa desenrascava-se com tudo.

A vida é mais monótona desde que nasceu o primeiro filho para cá. A partir da altura que nascem as crianças, isso significa que elas exigem muita atenção e ao exigir muita atenção o resto fica para trás. A gente dá menos atenção e desvaloriza as outras actividades. As pessoas muitas vezes não têm consciência disso.

Nós agora estamos a começar a colher os frutos. A gente vê agora, o miúdo mais velho com 18 anos, pudemos dizer que já passou a fase crítica da adolescência. A miúda com 15 está a entrar ou a meio da fase crítica da adolescência, que toda a gente se queixa que são fases muito chatas, muito ingratas, fase da rebeldia e eu nunca senti desses problemas. E eu desconfio que isso acontece porque nós dávamos muita atenção quando eram pequenos. Nunca tivemos problemas com a adolescência nem estamos a antever que possamos vir a ter. Eles são o principal objectivo desses anos todos.

Desde que os miúdos nasceram até praticamente há poucos anos, acho que só começamos a ir ao cinema à questão de dois/ três anos. Antes disso, a gente nem sequer os deixava sozinhos em casa ou então ia com eles e isso é outra história.

A gente gostava de passear pelos montes. Eu lembro-me que fui das primeiras pessoas, em Portugal, a ter aquele género de mochila às costas, onde pudesse levar os miúdos ou mesmo à frente e sistematicamente era eu que andava com o miúdo. Passeava pelos montes. Corri esta região toda do Gerês com os miúdos e as férias eram sempre férias de campismo, com tendas. Foi incentivar muito mais um tipo de vida ao ar livre, de modo que eles sentissem o prazer da vida ao ar livre, do monte, o prazer da vida em contacto com a natureza. Sempre tivemos esse tipo de incentivo para com eles e as nossas preces sempre foram de campismo, ainda hoje. Hoje há quem goze connosco, portanto, inverteu a re-

gas. Tivemos numa altura em que estavam muitos portugueses. Havia uma comunidade de portugueses muito grande em Manchester.

Nós chegamos mesmo a criar um grupo de danças folclóricas. Conseguimos apoio do Gabinete de Turismo, em Londres, que nos mandavam os fatos. Organizávamos os nossos próprios parques da comunidade portuguesa. Chegamos a ser solicitados por outras comunidades, para nós actuarmos com as nossas danças folclóricas nas festas dos outros. Portanto, ainda era um grupo de cerca de 20 portugueses que estavam lá a fazer a sua pós-graduação e foi uma altura extremamente positiva com as pessoas que lá estavam. Acho que nunca mais tornou a acontecer um momento destes, de tantos portugueses estarem juntos com interesses comuns.

Nós convivíamos regularmente. Lembro-me que houve uma altura, que um desses colegas queria que a gente fosse lá a casa jantar e tivemos que ir à nossa agenda, e só dois meses depois é que tínhamos uma data disponível para ir jantar a casa dele. E havia outro colega que até gozava connosco, dizia que nós estávamos em Inglaterra de turismo e que estávamos a fazer o nosso doutoramento nas horas vagas. Efectivamente, a gente trabalhava de segunda a sexta, de manhã até à noite era universidade, mas depois à sexta desaparecíamos e o fim-de-semana era fora. E assim corremos Inglaterra toda de uma ponta à outra, passando sempre fins-de-semana fora. Foram bons tempos!

Depois regressamos a Portugal e começou um novo estilo de vida, porque foi a partir daí que começaram a vir as crianças. Nós fizemos as contas para que elas só chegassem depois de termos o doutoramento assegurado, porque senão não ia haver doutoramento. E foi quando a minha mulher terminou a parte experimental do trabalho dela de doutoramento, que decidimos que ela podia engravidar, porque ela é de Química e no laboratório é extremamente perigoso trabalhar nessas condições. Ela acabou a parte experimental e só depois é que engravidou.

O nosso miúdo foi feito em England mas veio cá nascer. Ela acabou o doutoramento e teve que vir para cá mais cedo, porque aqui queriam que ela viesse dar as aulas. Assim que ela fez a oral em Dezembro, eles queriam que ela viesse dar aulas em Janeiro. Portanto, ela veio sozinha para cá em Janeiro para dar aulas, veio de seis meses.

Como eu fiquei lá sozinho e consegui escrever a tese em dois meses. Quando ela veio, eu tinha só parte de um capítulo e um bocadinho do anexo feito. E a 15 de Fevereiro

no Inverno, a temperatura, o estar sozinho em Coimbra, o ser difícil fazer mais vida ao ar livre porque em Lourenço Marques, mesmo estando longe da universidade, ia muitas vezes passear a pé meia hora, 1 hora. Era bom passear por dois motivos: primeiro porque é agradável andar ao ar livre e em segundo lugar, porque durante o passeio era altura em que a pessoa podia estar a namorar descontraída, aproveitava esses períodos. Em Coimbra, isso custou-me muito mais porque passear ao ar livre com chuva e com vento não é fácil. Depois em Coimbra estava num quarto alugado, não tinha condições em casa, nem podia ter um quarto com grandes condições porque a minha mãe tinha regressado apenas com uma reforma, e a reforma de funcionário público não é famosa, de modo que havia dificuldades económicas. Custou um bocadinho.

Quase todos os meus colegas vieram para Portugal, mas cada qual foi para a sua universidade e nenhum dos meus colegas foi para Coimbra. Durante esse tempo, a minha mãe ficou a viver com os meus avós, que tinham uma casa em Torres Vedras. Depois alugou um quarto, uma casinha pequena em Coimbra. Na altura, havia muita pouca construção. Eu lembro-me de quando andei à procura de casa para alugar, corri Coimbra inteira, de uma ponta à outra, ia a tudo quanto era prédio perguntar a ver se havia alguma coisa e nada. Portanto, aí foi difícil. De modo que teve de se alugar uma espécie de quarto, um mini-apartamento, que se conseguiu e vivi com a minha mãe e o meu irmão. As condições não eram famosas, mas foi apenas esse ano.

Acabando o quinto ano, casei-me logo a seguir e a partir da altura que a gente se casou criámos a nossa vidinha independente. A minha mãe ainda ficou mais algum tempo em Coimbra, depois saiu e foi viver, durante uns tempos, com os meus avós até que depois comprou uma casa nas Caldas. Portanto, agora ela vive independente nas Caldas.

0.2 Casamento

Conheci a minha esposa no liceu. Esse contacto não era de colega porque ela não estava no mesmo curso que eu. O que safou nesses anos é que viemos os dois para Coimbra. A escolha de Coimbra não foi só o meu curso, foi o meu e o dela, ver qual era a cidade em Portugal que permitisse que pudéssemos ficar. Ela tinha familiares em Coimbra e ficou em casa dos tios, mas eu arranjei um quarto a 20 ou 30 metros, na mesma rua. O que significava que íamos a pé todos os dias para a universidade e vínhamos e estávamos

juntos, senão realmente eu teria ido ao charco nesse ano.

Entretanto terminei o curso em Julho e em Agosto resolvemos casar. Não casamos em Agosto porque enfim, dizem "Casamento em Agosto é mês de desgosto", há assim qualquer coisa, e portanto a família não nos deixou casar em Agosto podia dar azar. De modo que casamos no primeiro fim-de-semana de Setembro.

Foi atribulado o nosso casamento. Foi um risco. A gente casou-se, estávamos os dois no desemprego, não tinha dinheiro, não tinha nada, foi um risco. Tínhamos era um canudo com boas notas. Eu estava com 18 e a minha mulher com 17, portanto, notas que nunca eram de mais na inflação. Tínhamos perspectivas de virmos a arranjar um bom emprego, mas casámos sem emprego, sem casa, sem nada. Tudo o resto construímos juntos.

A mentalidade hoje em dia é muito diferente. Nós vemos as pessoas que só se casam depois de ter a casa toda montada, instalados todos os electrodomésticos e mais o carro, e às vezes andam para aí a namorar tantos anos, cada qual em casa dos seus pais para poder poupar alguns tostões. Equipam a casa toda e só depois de estar tudo montado é que casam.

Naquela altura funcionava tudo um bocadinho diferente. Era mais importante estarmos juntos do que termos a casa bem equipada, de modo que, a gente preferiu juntar-se. Os móveis que tínhamos era a nossa mobília de quarto, que ainda tínhamos comprado em Moçambique, tínhamos mandado fazer, depois tudo o resto a gente fez. Fizemos os candeeiros, fizemos os sofás, improvisávamos tudo, mas estávamos juntos e era mais importante que qualquer outra coisa. Uma filosofia diferente.

0.3 Ofício

Depois de casar foi a questão de tentar arranjar emprego para mim e para a minha mulher. Apesar de estarmos com boas notas, não havia emprego. O mercado estava numa retracção muito grande, era difícil arranjar emprego. De qualquer modo, a gente concorreu às diversas universidades. Depois foi só a questão de conseguirmos encaixar numa universidade que nos aceitasse aos dois.

A gente fugiu de Lisboa, pusemos em primeiro lugar cidades pequenas. Optámos em primeiro lugar por Aveiro. Coimbra não nos interessava, nós conhecíamos Coimbra, mas pelo sim e pelo não nós concorremos a Coimbra. O meu departamento ainda admitia vagas o dela não. Tam-

metre. Mas, quer dizer, se eu desse aulas ao primeiro ano, no primeiro semestre, eu tinha que fazer qualquer coisa, o quê não sei, mas tinha que arranjar qualquer processo de os proteger, porque não me parece correcto o que se está a passar. Eles vêm para aqui às vezes, acabam o Secundário, puxaram bastante e alguns entram para aqui dentro com uma expectativa de manterem o mesmo ritmo de trabalho. Há outros que não - "Agora entrei na universidade e não trabalho nos próximos seis meses". Mas há outros que vêm com vontade de trabalhar, apanham isto pela frente, começam a desanimar.

Acho que já é um choque grande. Aqueles que moram cá estão com a família, mas agora aqueles que vêm de fora terem que sofrer isto tudo, acho que custa. Já estão a sofrer a separação porque passaram toda a vida junto da família, agora de repente vêm para aqui passar sozinhos. Pela primeira vez na vida, se calhar, que têm que arranjar apartamento, quarto. Mudam completamente o estilo de vida, estão desanimados, assustados. É uma etapa que deve ser bastante dura na vida de muitos estudantes, principalmente aqueles que vêm de fora. E esperava-se alguma compreensão dos mais velhos, que já passaram por isso para os ajudar a inserir, poder mostrar onde é a biblioteca, onde é que é isto, onde é que é aquilo, onde se pode comer bem ou não, onde se pode comer fora da universidade, uma vez que a cantina às vezes tem inconvenientes. Quer dizer, que tivessem as brincadeiras todas, mas esse tipo de convivência era mais importante do que estar a fazer este tipo de espectáculo, que é degradante e os únicos que se divertem são os que estão vestidos de preto, mais ninguém. Nem os próprios jovens se divertem, nem as pessoas que passam ao lado acham piada. É degradante.

Durante dois anos que estivemos a trabalhar em Portugal vivemos numa perspectiva de poupar para poder fazer o doutoramento fora. Assim que pudemos fomos para Manchester. No ano lectivo de 78/79 já estávamos em Inglaterra a fazer o nosso doutoramento. Estivemos lá três anos. Tínhamos cá a nossa casa alugada, pagávamos a renda à mesma. O certo é que depois de vir de Inglaterra tinha mais anos na Inglaterra do que em Portugal Continental. Tinha três em Inglaterra, conhecia melhor a maneira de ser e a mentalidade dos ingleses do que dos portugueses que cá estavam, e foi um choque muito grande. Custou-me imenso regressar a este atraso de vida.

Em Inglaterra estávamos os dois juntos e isso era muito importante, e ainda concebo que os melhores anos da minha vida foram esses anos que passamos com os nossos cole-

Porque uma coisa é não se gosta do docente, a pessoa vai lá uma, duas vezes e não gosta deixa de lá pôr os pés. Outra coisa é nunca pôr os pés, e isso baralha-me. Hoje me dia à tanta gente inscrita e ninguém faz nada.

Antigamente não sentia a massificação, não estava na moda, a gente queria era o canudo. Hoje em dia toda a gente quer ter um canudo. Há uma diferença: uma coisa é ter o direito de entrar na universidade e outra coisa é o direito a ter um canudo. Mas pronto há uma diferença de mentalidades. Naquela altura, entendia-se que o canudo era para quem tinha capacidades. Hoje em dia, uma pessoa acha que mesmo sem capacidades tem direito a ter um curso superior. Se entrámos dentro do modelo mais parecido com o modelo japonês, em que quase todos têm um curso superior, e a Europa tende nesse sentido, o que vai acontecer é que depois um curso superior não vale nada. E neste momento é o que acontece. Qualquer japonês tem um curso superior e o curso superior japonês tem pouco valor.

Nunca apanhei nenhum sistema de praxe e como existe agora com esta degradação tem poucos anos. Quer dizer, ao fim de contas, o que estão a tentar é reviver as praxes que existiam antigamente nas universidades clássicas. Ora nunca existiu nada tão degradante como isto e quando existiam eram períodos mais controlados e limitados e eram só em determinadas alturas do ano. Eu nunca apanhei nada de praxes, nem na minha Universidade em Lourenço Marques, nunca houve nada de praxes, e quando vim para a metrópole, para Coimbra, não havia nada disto. As praxes estavam associadas ao regime de Hitler, estavam relacionadas com o regime fascistas, e ninguém se atrevia sequer pensar em qualquer tipo de manifestação deste género. Portanto, foi preciso passar quase uma geração para surgirem de novo.

Eu acho que as praxes podem ter coisas muito positivas. Eu tenho acompanhado o que se está a passar com as praxes nas outras universidades em Portugal e têm um espírito diferente. Têm um espírito muito mais de inserção dos jovens que entram, tentar inseri-los na comunidade onde vão estudar, dizer-lhes como as coisas funcionam, quais são as regras e, eventualmente, alguns truques que ultrapassam as regras menos sensatas. Mas é um esforço de integração, pode ter uma ou outra brincadeira pelo meio, mas nada que se pareça com isto que se vê aqui, que eu acho que são atentados à dignidade das pessoas.

Nos últimos 20 anos não tenho dado aulas ao primeiro ano, no primeiro semestre. Só relativamente há pouco tempo comecei a dar aulas ao primeiro ano mas foi no segundo se-

bém concorri ao Porto, à Nova de Lisboa. Nem a Nova de Lisboa nem a de Aveiro admitiram gente. A de Aveiro as pessoas queriam que eu fosse para lá porque me conheciam de Lourenço Marques, parte do meu ex-departamento estava em Aveiro, mas eles não tinham lá lugar. Fui admitido para a Universidade do Porto e de Coimbra. Desisti de Coimbra e fiquei no Porto.

A minha mulher tinha familiares no Porto e veio viver comigo. Tentámos que ela ficasse no Ensino Secundário e ficou colocada numa terra, que é para esquecer, algures a sul de Coimbra, que não sei o nome. Foi uma viagem que lhe custou imenso fazer, para depois chegarmos lá e saber, que afinal de contas, tinha havido engano nas colocações e ela não ficou lá colocada. Esse primeiro trimestre ou último trimestre de 76, já nem sei onde ela ficou a dar aulas.

Eu fiquei a dar aulas na FEUP, mas era de noite, nada motivador, sem perspectivas de fazer doutoramento a curto prazo. Havia cerca de 90 assistentes todos eles a querer fazer o mesmo. De modo que surgiu a oportunidade aqui em Braga. Desconhecia que havia aqui universidade, foi até na altura o professor Romero quem fez a entrevista e ficou entusiasmadíssimo e quis que eu viesse. O professor Machado dos Santos também, aliás, ele contratou-me e eu fiquei como assistente dele a partilhar o mesmo gabinete. Eu dava as aulas práticas das disciplinas dele, e a minha mulher entrou na mesma altura. Entrámos para a Universidade do Minho em Janeiro ou Fevereiro de 1977. Começamos por um quarto alugado, assim que podemos alugamos uma casa. Já na altura não queríamos ficar no centro, alugamos fora da cidade e ainda hoje estamos bem fora da cidade.

Quando entrei, eu já conhecia o pessoal que cá estava porque a maioria deles tinham sido meus antigos professores, mesmo funcionários de laboratório que encontrei aqui na Física e Electrónica, mesmo a antiga secretária do nosso reitor.

Em Moçambique era um mundo pequeno, as pessoas conheciam-se umas às outras, de modo que o entrar nesta universidade foi a continuação das vivências que eu tinha em Lourenço Marques. O ambiente que se vivia não era nada que se compare com o ambiente que temos aqui. A universidade cresceu desmesuradamente, não tenho ideia do número, talvez tivéssemos dois, três mil alunos, era relativamente pequena. O ambiente extremamente positivo, em relação ao ambiente que se vivia cá em Portugal na altura do pós-25 de Abril, que eu apanhei.

Aqui em Portugal havia uma reacção muito negativa aos

professores catedráticos, e eu apanhei esse ambiente em Coimbra. Um ambiente extremamente negativo. E eu fiquei tão baralhado porque nem eu, nem nenhum dos meus colegas em Lourenço Marques sentimos nenhuma reacção negativa em relação aos professores, porque lá tínhamos uma geração de professores novos. Enquanto que aqui estava instalado uma geração de professores já com uma certa idade, com pouco valor científico, com um conjunto de vícios e prepotências.

A Universidade de Lourenço Marques foi buscar quase todo o pessoal recém doutorado de escolas inglesas, com espírito de abertura muito grande. Era uma universidade nova, com gente nova e com um ambiente de trabalho bastante bom, que no fim de contas se conseguiu transpor aqui, na fase inicial da Universidade do Minho.

A Universidade do Minho, nos primeiros anos tinha o mesmo ambiente da Universidade de Lourenço Marques porque quase todos os docentes que vieram para aqui, vieram de Moçambique e Angola. Esta nossa universidade ficou com quase todos os de Moçambique, com excepção do departamento de Química que ficaram na Universidade de Aveiro. Aqui o departamento de Química é basicamente com pessoas que vieram de Angola, mas quase todos os outros departamentos arrancaram com pessoas que vieram de Moçambique, até uma das professoras que está cá de Inglês, foi minha professora do terceiro ano do liceu em Moçambique.

Quando entramos para a Universidade do Minho as instalações eram em D.PedroV, era tudo sem os anexos que estão lá trás. No rés-do-chão eram onde estavam as salas de aulas todas e os andares de cima, era onde estavam os diversos departamentos. O laboratório de Electrónica era numa cozinha de um dos apartamento. Na outra cozinha, em frente, era onde estavam alguns docentes de outro departamento, por exemplo, a mulher do professor João de Deus Pinheiro estava nos nossos gabinetes.

A D.Pedro V aquilo são apartamentos e cada apartamento tem a feitura típica de uma sala e vários quartos, e uma das salas ou duas salas do departamento do nosso piso foram abertas e eram os Centros de Informática, onde estavam os computadores.

Os quartos eram os gabinetes dos docentes. Um dos quartos era interno. Eu tinha sorte, estava num gabinete que tinha janela com vista para o Bom Jesus, na altura partilhava com Machado dos Santos. A universidade era basicamente isso, depois é que começou a crescer com os pavilhões. Eu ainda assisti ao crescimento dos pavilhões ali da Rodovia,

dos anexos da D.PedroV. Os anfiteatros e aquelas salas de aulas foram muito posteriores. Depois em frente à escola da Gulbekian aqueles apartamentos foram alugados. O departamento mudou para esse sítio, para o primeiro andar e no rés-do-chão ficou a Electrónica. A universidade foi crescendo por aí.

O Largo do Paço foi sempre a parte mais nova, onde estava o serviço administrativo e o serviço de reitoria, mas ocupavam só a parte do Largo do Paço. Ainda me lembro de ir assistir a um concerto de Cravo, no Largo do Paço, onde neste momento está, se não me engano, a extensão da contabilidade, por cima de um espaço onde antes era o serviço académico, essa sala aí que é uma sala bem bonita já fui a um concerto de Cravo. Portanto, a Universidade do Minho tinha alguma dignidade nessa zona mas também éramos poucos.

Quando a universidade arrancou, oficialmente no papel em 1974, suponho que os primeiros cursos arrancaram em 75, e foi no ano lectivo de 76/77 que eu entrei. Eu entrei na altura que estava a funcionar o segundo ano de aulas na universidade. Foi numa altura em que nos conhecíamos todos uns aos outros, era um bom ambiente.

Aos poucos e poucos a universidade foi crescendo e, hoje em dia, nem sequer conheço os colegas todos do departamento, quanto mais da universidade. Naquela altura, conhecia o pessoal todo da universidade. Era um meio pequeno dez, 15 pessoas. Aliás eu quando entrei deviam ser quatro ou cinco docentes, se tanto, e conhecíamos todos. Era bem diferente! Hoje, no Departamento de Informática devemos ser 70 docentes. O departamento agora deve ser maior do que a universidade na altura que eu entrei. Eu sou o docente nº 44. Quando entrei havia 44 docentes na universidade e o departamento agora tem 70. As pessoas que estavam na altura mantêm-se todas, saíram uma ou duas pessoas, mas o resto mantêm-se todo.

Havia muito menos alunos, eram muito mais próximos, não havia tanta massificação. Um dos grandes inconvenientes desta massificação é uma certa irresponsabilidade que vem por trás. Embora eu veja que tenho inscritos nas minhas pautas 200/300 alunos, nunca vejo mais que 100 ou 150. Naquela altura se calhar tinha 80 alunos inscritos mas era capaz de ver 60 ou 70. Portanto, era um ensino mais generalizado. O pessoal estava mais próximo. Chegava à universidade preocupava-se em frequentar as aulas e, enfim, trabalhar enquanto estavam na universidade. Hoje em dia é muito diferente e isso choca-me um bocado. Quando uma pessoa vai dar uma aula e vê, nem sequer às primeiras aulas.